

# A caracterização da fábula a partir de seu Potencial de Estrutura Genológica (PEG)<sup>1</sup>

Gessélda Somavilla Farençena  
Cristiane Fuzer  
Universidade Federal de Santa Maria

**Resumo:** Neste trabalho são analisadas sete fábulas originalmente atribuídas a Esopo e sete versões revisitadas por Millôr Fernandes. Com base na perspectiva teórico-analítica de análise de gênero de Hasan (1989), objetiva-se caracterizar a fábula como gênero textual em termos de seu Potencial de Estrutura Genológica (PEG). Utilizando a definição de Halliday (1989) de contexto de situação faz-se a análise da Configuração Contextual (CC) dos textos de cada autor e, em seguida, passa-se à identificação dos movimentos e estágios que constituem os textos. Quanto à CC, verificaram-se semelhanças quanto a personagens, situações apresentadas e modo, diferindo quanto à função retórica. Em relação ao PEG, constatou-se que as fábulas são estruturadas por quatro movimentos retóricos constituídos por cinco estágios obrigatórios e três optativos. Dentre os optativos, algumas fábulas produzidas por Millôr Fernandes apresentam um estágio inexistente nas fábulas de Esopo e que traz desfechos diferentes quando comparados os pares dos dois autores.

**Palavras-chave:** Configuração Contextual. Potencial de Estrutura Genológica (PEG). Fábula.

## Introdução

A fábula é um dos gêneros textuais mais antigos e populares de que se tem conhecimento. Revelando preocupação com as ações humanas, esse gênero retrata valores gerais, o que faz com que resista ao tempo e continue pertinente em qualquer época, ainda que sujeito a algumas alterações.

Os gêneros, para Hasan (1989), são compostos por determinadas estruturas recorrentes capazes de tornar um texto um exemplar em potencial de um gênero específico. Tal estrutura

---

<sup>1</sup> O presente trabalho é um recorte da Dissertação de Mestrado desenvolvida sob a orientação da Prof<sup>a</sup> Dr. Cristiane Fuzer, vinculada à linha de pesquisa “Linguagem no contexto social” do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

é denominada pela autora de *Generic Structure Potential*, traduzida como Potencial de Estrutura Genológica (PEG)<sup>2</sup>.

Com base nesse pressuposto, este trabalho tem como objetivo descrever o Potencial de Estrutura Genológica da fábula por meio da identificação das ocorrências de elementos obrigatórios, opcionais e iterativos em quatorze exemplares desse gênero e da descrição da Configuração Contextual dos textos, haja vista a importância do contexto para os estudos funcionalistas de linguagem.

Nesse sentido, inicialmente são apresentadas informações históricas e algumas características básicas da fábula. Em seguida, são apresentados pressupostos de base Sistêmico-Funcional utilizados na análise das fábulas.

### **Considerações sobre a fábula**

Originalmente, a fábula era um texto oral contado às pessoas em situações informais do dia a dia. Narrando situações vividas por animais, mas que aludem a situações humanas, explica Coelho (1984), a fábula tem por objetivo transmitir certa moralidade. Nas palavras de Sousa (2003, p. xxx), é uma obra “com o objetivo de explicar comportamentos e situações da vida prática cotidiana, chegando mesmo a sugerir soluções, principalmente no campo da convivência social.”

A fábula, de acordo com Smolka (1995), seria originária da Ásia Menor e, posteriormente, teria se espalhado pelas ilhas gregas, até chegar ao continente helênico. A primeira fábula grega conhecida, já como uma narrativa breve imbuída de um preceito de conduta, conforme Sousa (2003), é *O rouxinol e o falcão*, de autoria de Hesíodo, que teria vivido no século VIII a.C. Contudo, o surgimento e a criação da fábula não são atribuídos à Ásia nem a Hesíodo, mas à Grécia e a Esopo, a quem se atribui o título de *pai da fábula*.

---

<sup>2</sup> Neste trabalho, adotamos a tradução sugerida por Gouveia (2008) – Potencial de Estrutura Genológica (PEG) para nos referirmos a *Generic Structure Potential* de Hasan (1989). A explicação para essa escolha encontra-se na seção 3.

Inicialmente amplamente cultivado por Esopo, esse gênero é produzido e reproduzido por outros autores ao longo dos séculos. Dentre eles, está o escritor brasileiro Millôr Fernandes, que, além de livros, colunas e artigos, também se dedicou à produção de fábulas, algumas das quais são releituras de fábulas esopianas.

No que se refere à estrutura do texto, Platão e Fiorin (2006) dividem a fábula basicamente em: texto narrativo em si e avaliação, o que, na teoria de Meurer (2002), configura a organização retórica Situação-Avaliação. A avaliação corresponde à moral, que pode ser implícita, através de um comentário feito no corpo do texto, ou explícita, separada do texto, na forma de uma sentença.

Essas sentenças, no entanto, em especial aquelas que concluem as fábulas de Esopo, escondem um equívoco autoral. Como ressalva Sousa (2003), a moral não é genuína da fábula, mas um acréscimo tardio e alheio a ela. Em razão de ter sua origem oral, a lição de moral era empreendida a cada situação em que a fábula era contada, de acordo com o contexto e as pessoas. A avaliação em forma de moral só veio a ser acrescentada por copistas em épocas posteriores à criação dos textos.

Incorporada à fábula e naturalizada como parte característica do gênero, como observa Sousa (2003), a sentença correspondente à moral contribui para reforçar a natureza ideológica e moralizante desses textos. Cabe ressaltar, entretanto, que esse propósito educativo e formador de caráter é mais restrito à fábula clássica. A fábula contemporânea, de modo especial a de Millôr Fernandes, conforme defende Vilela (2002), imprime nova ideologia, que foge do caráter didático-pedagógico e parte para o lúdico, buscando o humor, ou seja, não visa educar seus leitores, mas levá-los a refletir ao mesmo tempo em que os diverte.

Portanto, desde sua origem até os dias atuais, a fábula foi cultivada por diversos autores, passou por alterações de forma – de sua origem oral ao texto escrito e acréscimo da moral, por exemplo –, e de propósitos desde a época clássica até a contemporaneidade.

A seguir, são apresentadas algumas considerações teóricas sobre a perspectiva de análise de gênero de Hasan (1989), utilizada neste trabalho para a caracterização da fábula a partir de seu PEG.

### **Gêneros na perspectiva sociosemiótica de Hasan**

Na perspectiva de Hasan, a linguagem é concebida “como um sistema de significações que medeia a existência humana” (MOTTA-ROTH; HEBERLE, 2005, p. 12), cuja unidade de significação é o texto (HASAN, 1989).

O texto, de acordo com Halliday (1989), pode ser definido como a linguagem que é funcional, como a linguagem que desempenha alguma função em algum contexto, e não como algo isolado, descontextualizado. Assim, para esse autor, texto e contexto são inseparáveis, de modo que o contexto precede o texto, pois é a partir daquele que este é produzido.

Haja vista essa interdependência entre texto e contexto, desenvolveu-se a Teoria de Gêneros e Registro, que, segundo Eggins e Martin (1997), busca explicar a variação linguística em referência à variação no contexto. Em outras palavras, busca explicitar as relações que se estabelecem entre os traços do discurso e as variáveis do contexto social e cultural no qual o discurso está inserido.

Sob essa ótica, apontam Eggins e Martin (1997), a noção de registro surge como uma explanação teórica da observação de que se utiliza diferentemente a linguagem em diferentes situações. Tecnicamente, as dimensões contextuais podem ter impacto na linguagem para a construção de certos significados e para a seleção de determinadas estruturas linguísticas em detrimento de outras.

Na Teoria de Gêneros e Registro, o termo *registro* (que se relaciona ao contexto de situação) e *gênero* (que se relaciona ao contexto de cultura) identificam os dois maiores níveis do contexto que têm impacto sobre o texto e, portanto, as duas principais dimensões de variação entre textos. Nessa teoria, informam Eggins e Martin (1997), as variações de registro e

gênero são dois planos realizacionais na visão sociosemiótica de textos. A visão sociosemiótica, por sua vez, é inerentemente dialógica e interativa, pois o texto é a realização de tipos de contextos e a promulgação do que é relevante aos membros de uma determinada cultura e situação.

Nessa perspectiva, cada gênero textual é parte de rotinas sociais inseridas em um contexto cultural mais amplo e funciona como componente semiótico mediador das práticas sociais, permitindo recuperar conexões entre a ação individual e as estruturas sociais.

Desse modo, segundo Hasan (1989), os elementos que compõem a estrutura de um texto serão definidos pelo trabalho que ele realiza em uma configuração contextual específica. A configuração contextual, explica a autora, é a soma das características significativas de uma atividade social e diz respeito ao contexto de situação e suas três variáveis que, de acordo com Halliday (1989), são:

- Campo: aquilo que está acontecendo, a natureza da ação social que está sendo realizada;
- Relações: quem participa da ação, a natureza, estatutos e papéis dos participantes e as relações entre eles: maior ou menor formalidade, proximidade, etc.;
- Modo: a organização simbólica do texto, o canal, a forma estrutural como o texto é apresentado, o papel desempenhado pela linguagem.

A partir da Configuração Contextual (doravante CC), salienta Hasan (1989), podem ser feitas inferências sobre a estrutura de um texto, já que o texto é o retrato do contexto de que faz parte. Como consequência, para a autora, gênero é a expressão verbal de uma CC, constituído pelos significados e valores que a ele são associados, culturalmente, no interior das atividades sociais.

Thompson e Thetela (1995) defendem que, ao estudar um texto, além de atentar para as variáveis contextuais, é necessário olhar analiticamente para os participantes. É preciso fazer a

distinção entre o participante na interação do evento discursivo e o participante na transitividade da oração. Em outras palavras, é preciso distinguir o contexto da interação autor/leitor e o contexto de interação entre os personagens. Entretanto, como o foco neste trabalho não é a análise mais profunda do contexto, mas sim do gênero, a análise será delimitada apenas ao contexto de situação e à descrição de suas três variáveis, como o faz Hasan (1989).

Na leitura de Motta-Roth e Heberle (2005), cada gênero equivale a padrões textuais recorrentes e padrões contextuais. Os primeiros dizem respeito ao uso que é feito da linguagem para satisfazer certos objetivos comunicativos. Já os padrões contextuais dizem respeito à situação com a qual normalmente um determinado registro é associado.

Os padrões contextuais são dados pela CC, enquanto os textuais são dados pelo que Hasan chama de *Generic Potential Structure* – aqui traduzida como Potencial de Estrutura Genológica (PEG), conforme Gouveia (2008). Essa nomenclatura foi adotada em virtude de que, assim como Martins (2008), essa tradução parece mais adequada em relação àquela adotada por Motta-Roth e Heberle (2005) – *Estrutura Potencial Genérica* (EPG). Segundo Martins (2008), isso se explica, em primeiro lugar, pelo fato de que *potencial*, enquanto substantivo, refere-se a algo possível de se desenvolver e tornar-se real, algo existente, com capacidade de desdobrar-se de uma fase germinal até uma realização futura completa, em oposição a *potencial* como adjetivo, usado por Motta-Roth e Heberle que apenas qualifica estrutura como possível ou não. Em segundo lugar, explica Martins (2008), o termo *genérico* utilizado pelas autoras, em virtude de sua polissemia, pode causar confusões de interpretação, diferentemente de *genológico*.

Essa discussão encontra suporte na definição de Hasan (1989), que concebe o PEG como a expressão de toda a gama de elementos opcionais e obrigatórios, bem como da ordem em que aparecem, de tal forma que se esgotem as possibilidades de se estruturar o texto para que esteja apropriado a cada CC de que fizer parte. Dito de outro modo, o PEG possibilita que as

características ou os estágios fundamentais de um gênero possam ser percebidos e, com isso, o gênero possa ser reconhecido.

Assim, conforme Hasan (1989), um texto é constituído por certos elementos estruturais que, em sequência, possibilitam a interação. Cada um desses elementos é um estágio que representa alguma consequência na progressão de um texto. Em decorrência, sob o ponto de vista da autora, a configuração do PEG de um gênero é dada por elementos cuja ocorrência, prevista principalmente pelos valores de campo, é obrigatória, opcional e iterativa. De acordo com essa ocorrência, explica Hasan (1989), temos três tipos de elementos: obrigatórios, opcionais e iterativos.

Os elementos obrigatórios *devem* ocorrer em qualquer texto pertencente a um mesmo gênero, seguem, normalmente, uma ordem específica e sua presença leva a perceber a completude ou incompletude de um texto e, por isso, são definidores de gênero. Os elementos opcionais são aqueles que *podem* vir a ocorrer em um texto, mas não precisam estar presentes em todos os exemplares de um mesmo gênero. Já os elementos iterativos são elementos recursivos que *ocorrem mais de uma vez* no texto, não seguem uma ordem específica nem têm ocorrência obrigatória.

Sem estabelecer os elementos estruturais de um texto, salienta Hasan (1989), a análise corre o risco de se tornar intuitiva, de modo que duas pessoas, analisando o mesmo texto, possam chegar a resultados consideravelmente diferentes. Além disso, é preciso saber que parte do texto realiza quais elementos e qual a correspondência existente entre os elementos estruturais e a oração.

Cada um desses elementos, que correspondem aos estágios que organizam os textos, no entendimento de Motta-Roth e Heberle (2005), é responsável por determinados movimentos retóricos<sup>3</sup>. Dessa combinação, tem-se a unidade e a coerência do

---

<sup>3</sup> Neste trabalho, para a descrição do PEG da fábula, como uma forma de melhor visualizar e delimitar a organização/constituição da estrutura do gênero, foi adotado o modelo de organização/descrição utilizado por Motta-Roth e Heberle (2005), que incorporam à proposta original de *Generic*

texto e da atividade nele desenvolvida, de acordo com a CC de que pertencem, como destaca Hasan (1994) a seguir:

[...] cada estágio da atividade social representada na EPG é um *elemento* na *estrutura* dessa atividade, dado que cada estágio contribui para a realização dessa atividade. Por outro lado, o caráter de obrigatoriedade ou opcionalidade e a ordenação podem ser afetados pelas variáveis da configuração contextual (HASAN, 1994, p. 142 *apud* MOTTA-ROTH; HEBERLE, 2005, p. 19-20).

Como expressão linguística de uma CC, os gêneros estarão sempre sujeitos a alterações de campo, relações e modo, caracterizando-os como entidades flexíveis. Essa flexibilidade possibilita a ocorrência opcional ou iterativa de elementos. Logo, se um texto não apresentar alguns elementos típicos de determinado gênero, mas manter aqueles principais, continuará sendo um exemplar desse gênero.

Para Hasan (1989), isso é possível porque cada texto traz a atualização do PEG do gênero a que pertence, apropriado à sua CC. Visto assim, cada texto, ao ser (re)produzido, ao mesmo tempo em que mantém uma base estável, sujeita ao gênero do qual faz parte, dependendo da configuração contextual para o momento em que é produzido, terá seus elementos estruturais alterados, dando origem à atualização do PEG, que será a atualização da estrutura do gênero. Em resumo, da união de várias atualizações, chega-se à descrição do potencial de estrutura do gênero.

O estudo do PEG, em conjunto com a CC de um gênero, portanto, é importante para que se possa reconhecer e compreender o funcionamento das atividades sociais de que as fábulas fazem parte, o que deve ou pode ser feito ou encontrado num exemplar desse gênero.

O PEG configura-se em etapas mais amplas, as quais Motta-Roth e Heberle (2005, p. 19, 21) denominam

---

*Structure Potential* de Hasan (1989) os *Movimentos*, que correspondem ao que as autoras tratam como *movimentos retóricos*.

“movimentos retóricos”. Estes se dividem em estágios, conforme nomenclatura utilizada por Hasan (1989). Os estágios, por sua vez, constituem determinadas modalidades retóricas que, para Meurer (2000), organizam e dão sequência ao texto. Assim, o mapeamento dos movimentos retóricos e dos respectivos estágios de exemplares de um gênero possibilita a descrição do PEG desses textos.

Discutida a perspectiva de gênero utilizada para a descrição da fábula como tal, na sequência, é apresentada a metodologia de análise empreendida neste trabalho.

## **Metodologia**

Como discutido há pouco, sob o ponto de vista funcionalista de linguagem, a análise de um texto deve ser sempre acompanhada por um olhar atento ao contexto. Por conseguinte, o estudo do PEG, como propõe Hasan (1989), parte da descrição das variáveis situacionais que fornecem a CC.

Isso posto, tendo como *corpus* 14 fábulas – sete originalmente atribuídas a Esopo, presentes em *Esopo: fábulas completas* (SMOLKA, 1995), e sete versões revisitadas por Millôr Fernandes, presentes em *Novas Fábulas Fabulosas* (FERNANDES, 2007), os passos analíticos seguidos neste trabalho são:

- descrição da CC: descrição das variáveis campo, relações e modo para as fábulas de cada autor;
- verificação das atualizações do PEG em cada fábula: identificação dos movimentos retóricos e dos estágios que integram cada um desses movimentos;
- classificação desses estágios em elementos obrigatórios, opcionais e iterativos;
- verificação do PEG do conjunto de fábulas de cada autor;
- descrição do PEG da fábula.

Ao longo das análises, as fábulas serão referidas por meio de códigos que as identificam em termos de autoria e título, como ilustra o Quadro 1:

Quadro 1 – Códigos de referência dos textos

Fábulas de Esopo	Fábulas de Millôr Fernandes
[FE1] O lobo e o cordeiro	[FMF1] O lobo e o cordeiro
[FE2] O velho e a morte	[FMF2] O miserável e a morte
[FE3] A galinha dos ovos de ouro	[FMF3] A galinha dos ovos de ouro
[FE4] O corvo e a raposa	[FMF4] O macaco e o corvo
[FE5] O cão, o galo e a raposa	[FMF5] A raposa e o frango
[FE6] O astrônomo	[FMF6] O socorro
[FE7] A velha e seu médico	[FMF7] O escularápio

### **Descrição da fábula como gênero textual**

Partindo do pressuposto de que o estudo do texto em correlação com seu contexto é indispensável à medida que se influenciam mutuamente, considerando as variáveis situacionais campo, relações e modo (HALLIDAY, 1989), verifica-se, a seguir, a CC das 14 fábulas de forma individualizada em relação à autoria. Na sequência, no que se refere à análise da fábula como gênero textual, tendo como base Hasan (1989), parte-se das atualizações do PEG de cada um dos textos de cada autor para se chegar ao Potencial de Estrutura Genológica (PEG) da fábula.

#### *Configuração contextual*

A fábula tem como uma de suas características um direcionamento mais explícito ao leitor, dado principalmente pela moral, que se revela como um canal direto com o ouvinte e/ou leitor. Concebida como uma espécie de “sermão metafórico” proclamado face a face com os ouvintes ou como relato de um fato ou história para leitores desconhecidos, as situações reproduzidas não se distanciam daquelas vividas no dia a dia, pelo contrário.

No Quadro 2, pode-se visualizar, para cada conjunto de fábulas, que acontecimentos, ações ou situações são retratadas, quem participa desses eventos e como se relacionam e o meio linguístico utilizado. Tudo isso é manifestado pelas variáveis situacionais campo, relações e modo, que constituem a Configuração Contextual dos textos em questão.

Quadro 2 – CC das fábulas de Esopo e de Millôr Fernandes

---

CC das fábulas de Esopo	CC das fábulas de Millôr Fernandes
<p><i>Campo:</i> apresentação de acontecimentos, situações e ações do dia a dia protagonizados, na maioria das vezes, por animais e que aludem a eventos e valores humanos. Fazem referência à injustiça, dominação, falsidade, esperteza, inteligência, ganância, enfim, fraquezas, vícios e virtudes do ser humano na sociedade clássica.</p>	<p><i>Campo:</i> apresentação de acontecimentos, situações e ações do convívio diário protagonizados por pessoas e animais que aludem a eventos e valores humanos. Fazem referência à injustiça, dominação, falsidade, ganância, enfim, fraquezas e vícios do homem na sociedade moderna, globalizada, de modo especial dos poderosos.</p>
<p><i>Relações:</i> Nos textos, animais racionalizados e pessoas dialogam entre si, manifestando opiniões, comportamentos, propósitos e meios distintos.</p>	<p><i>Relações:</i> Nos textos, animais racionalizados e pessoas dialogam entre si, manifestando opiniões, comportamentos, propósitos e meios distintos. Os personagens e suas atitudes são colocados, muitas vezes, ironicamente, ridicularizando e menosprezando determinados modelos, modos de agir e crenças.</p>
<p><i>Modo:</i> o canal é fônico e o meio oral, visto que os personagens dialogam entre si, ainda que, por vezes, esse diálogo seja apresentado pela voz do narrador. Constitui-se de uma narrativa (ou diálogo) com incidências de argumentação para convencer e persuadir. A linguagem tem papel constitutivo. Sua função retórica centra-se mais no ensinamento de valores do que na crítica pura e simples a comportamentos e regras sociais.</p>	<p><i>Modo:</i> o canal é fônico e o meio oral, visto que os personagens dialogam entre si, havendo poucas intervenções da voz do narrador. Constitui-se de uma narrativa com incidências de argumentação e presença marcante da paródia e do humor. A linguagem tem papel constitutivo. Sua função retórica centra-se mais na crítica, na manifestação de opinião sobre o sistema social e os poderosos do que no ensinamento de valores. Pelo contrário, propõe uma desconstrução e até ridicularização de valores e crenças estabelecidos social e culturalmente.</p>

---

As CCs das fábulas mostram pontos relevantes quanto a semelhanças e diferenças existentes entre as fábulas dos dois autores. Se, por um lado, os temas dos textos continuam sendo situações cotidianas vivenciadas por animais e pessoas, a sociedade e talvez os valores e a cultura cultivados e compartilhados pelo homem nela inserido sejam diferentes. Com isso, a relação entre os indivíduos também se altera. A relação aparentemente mais séria existente entre os personagens na fábula de Esopo torna-se mais sarcástica na de Millôr.

Com o exposto, tem-se o conhecimento, então, da CC dos 14 textos do *corpus*. Esse conhecimento contextual, como defendem Thompson e Thetela (1995), Fairclough (2001), Halliday (1989), Halliday e Matthiessen (2004) e Hasan (1989), é importante para se compreender melhor os textos e também sua estrutura, mais especificamente, seu PEG, que é apresentado na próxima seção.

### *Potencial de Estrutura Genológica da fábula*

Na perspectiva de Hasan (1989), os gêneros são constituídos por certos elementos característicos, definidores. Assim, cada gênero tem um potencial de estrutura que o permite ser reconhecido e diferenciado dentre tantos. Em virtude disso, cada texto se apresenta como uma atualização desse potencial de estrutura do gênero ao qual pertence, como exemplifica o Quadro 3.

Nesses dois exemplares, podem ser visualizados alguns elementos comuns às duas estruturas e outros próprios a cada uma. Os comuns são os característicos do gênero, enquanto os demais são os responsáveis pela atualização do PEG.

Quadro 3 – Demonstração da atualização do PEG de um par de fábulas  
 Demonstração da atualização do PEG de um par de fábulas

O CORVO E A RAPOSA [FE4]	O MACACO E O CORVO [FMF4]
<p>1. APRESENTAÇÃO DA SITUAÇÃO:  <i>Estágio [E#1.1]</i> Um corvo, tendo roubado um pedaço de carne, pousou sobre uma árvore. Uma raposa o viu e,</p>	<p>1. APRESENTAÇÃO DA SITUAÇÃO:  <i>Estágio [E#1.1]</i> Andando na floresta, um macaco avistou um corvo com um pedaço enorme de queijo no bico.</p>
<p>2. PROBLEMATIZAÇÃO DA SITUAÇÃO:  <i>Estágio [E#2.1]</i> querendo apoderar-se da carne,  <i>Estágio [E#2.2]</i> pôs-se diante dele, elogiando seu tamanho e sua beleza, dizendo que ele, mais que todos os pássaros, merecia ser rei e que isso realmente aconteceria se ele tivesse voz.</p>	<p>2. PROBLEMATIZAÇÃO DA SITUAÇÃO:  <i>Estágio [E#2.1]</i> “Vou comer aquele queijo ou não me chamo macaco”, vangloriou-se o macaco.  <i>Estágio [E#2.2]</i> E berrou para o corvo: “Olá compadre! Você está bonito hoje! Lindo, maravilhoso! Jamais o vi tão bem! Negro, brilhante, luzidio. Penso que hoje, se quisesse cantar, sua voz seria a mais bela de toda a floresta. Gostaria de ouvi-lo cantar, compadre corvo, poderá dizer a todo mundo que você é o Rei dos Pássaros”.</p>
<p>3. RESOLUÇÃO DA SITUAÇÃO:  <i>Estágio [E#3.2]</i> Querendo mostrar-lhe que também voz ele tinha, o corvo deixou cair a carne e pôs-se a soltar grandes gritos.  <i>Estágio [E#3.3]</i> A raposa precipitou-se e, tendo pegado a carne, disse: “Ó corvo, se tu tivesses também inteligência, nada te faltaria para seres o rei de todos os pássaros”.</p>	<p>3. RESOLUÇÃO DA SITUAÇÃO:  <i>Estágio [E#3.3]</i> Naturalmente, o queijo caiu no chão e imediatamente foi devorado pelo macaco astuto. “Obrigada pelo queijo!”, gritou feliz o macaco.</p>
<p>4. FECHAMENTO:  <i>Estágio [E#4.1]</i> MORAL: A fábula é apropriada ao homem tolo.</p>	<p>4. FECHAMENTO:  <i>Estágio [E#4.1]</i> MORAL: Jamais confie em puxa-sacos.</p>

Dos elementos obrigatórios e opcionais recorrentes que integram os quatro Movimentos Retóricos nas sete atualizações do PEG dos textos de Esopo e nas sete dos textos de Millôr Fernandes, chega-se ao PEG da fábula, apresentado no Quadro 4.

Quadro 4 – PEG da fábula

---

PEG da fábula

---

*Movimento 1: APRESENTAÇÃO DA SITUAÇÃO*

Estágio 1.1 [E#1.1]: apresentação dos personagens e especificação de suas ações (OB)

- *Movimento 2: PROBLEMATIZAÇÃO DA SITUAÇÃO*

Estágio 2.1 [E#2.1]: motivo desencadeador do problema (OB)

Estágio 2.2 [E#2.2]: ação resultante no problema (OB)

- *Movimento 3: RESOLUÇÃO DA SITUAÇÃO*

Estágio 3.1 [E#3.1]: desafio e/ou conversa entre os personagens (OP)

Estágio 3.2 [E#3.2]: ação e/ou reação dos personagens (OP)

Estágio 3.3 [E#3.3]: ação e/ou acontecimento resultante na conclusão (OB)

Estágio 3.4 [E#3.4]: consumação e/ou continuação da conclusão (OP)

*Movimento 4: FECHAMENTO*

Estágio 4.1 [E#4.1]: Moral (OB)

---

Composto por quatro Movimentos Retóricos, o PEG das fábulas analisadas apresenta oito estágios. No Movimento 1 (*Apresentação da situação*), é feita a apresentação dos personagens, do tempo, do local e da ação que se desenvolve. No Movimento 2 (*Problematização da situação*), é apresentado um motivo para o problema apresentado logo em seguida. O Movimento 3 (*Resolução da situação*) traz o desenvolvimento do problema que orienta a narrativa e o seu desfecho. Por fim, no Movimento 4 (*Fechamento*), é apresentada a Moral.

O estágio que corresponde à *Apresentação dos personagens e especificação de suas ações [E#1.1]* é relativamente breve. Menciona os personagens, a localização

temporal e espacial e a ação ou situação em desenvolvimento, como exemplifica o fragmento:

*Um dia, um velho, tendo cortado madeira, carregou-a nos ombros e pôs-se a andar por um longo caminho. [FE2]*

O estágio referente ao *Motivo desencadeador do problema [E#2.1]* é algo consequente da situação inicial e serve como justificativa ou motivo para a origem do problema. Este é apresentado no estágio *[E#2.2], Ação resultante no problema*, constituído por uma ação que dá origem ou equivale ao problema, como mostra a passagem:

*Crendo que ela tinha dentro do ventre um monte de ouro [E#2.1], matou-a e viu que ela era igual às outras galinhas [E#2.2]. [FE3]*

O estágio correspondente ao *Desafio/conversa entre os personagens [E#3.1]* aparece com mais frequência nas fábulas de Millôr Fernandes, onde também é mais longo. Caracteriza-se, de certa forma, como uma “conversa extra” na narrativa, é uma reação verbal ao problema. Geralmente mais extenso que os demais estágios, mesmo quando apresentado em forma de citação, mantém a ideia da interação entre os personagens. Pode se configurar como pergunta/resposta, como argumento/contrargumento ou como elogios e expressões de sentimentos que buscam convencer e enganar o outro, como se percebe no trecho:

-Eu, descer? – riu o franguinho – Você está pensando que eu vou nessa? Quando eu chegar aí embaixo você me papa.  
- Nada, que bobagem – espantou-se a raposa. – Ah, então é por isso que você não desce! Ora, deixe-se de coisa. Então você não sabe que toda a floresta se reuniu para estabelecer uma paz definitiva? Você não sabe que agora todos combinamos viver em paz, cordialmente, feito irmãos que em verdade somos?  
- Nããão, não sabia – disse o franguinho.  
- Pois então desça e vamos conversar – convidou a raposa.  
- Ótimo, ótimo! – aceitou o franguinho – mas vamos esperar aqueles cães de caça que eu estou vendo se aproximando ali embaixo, e comemoraremos todos juntos. [FMF5]

O estágio relativo à *Ação e/ ou reação dos personagens* [E#3.2], por outro lado, é mais frequente nas fábulas esopianas. Corresponde a uma ação e/ou reação física, concreta dos personagens diante do problema, que encaminha a narrativa para o seu desfecho.

*E, como ela não quisesse pagá-lo, ele a levou aos juízes. [FE7]*

Esse desfecho é dado pelo estágio *Ação ou acontecimento resultante na conclusão* [E#3.3], equivalente ao resultado do estágio [E#3.1] ou [E#3.2] que o antecede, como se observa a seguir:

*Na esperança de encontrar toda a riqueza de uma só vez, ficou privado até de um pequeno ganho. [FE3]*

Nas fábulas de Millôr Fernandes, ocorre, por vezes, logo após a conclusão, o estágio *Consumação ou continuação da conclusão* [E#3.4]. Como um acréscimo à narrativa, apresenta uma ação ou acontecimento que é consequência da conclusão ou um complemento dela, ratificando-a ou lhe dando novos caminhos, como ilustra a passagem:

[E#3.3] *Mas, quando a morte, prestimosa e pressurosa como em todas as fábulas, apareceu subitamente à sua frente, radiosa e leve lhe disse: “Pronto, amigo, aqui estou eu: que deseja de mim?” Apavorado diante da realidade, o homem saiu pela tangente: “Pois é, amiga, é como eu disse: gostaria que você me livrasse do meu fardo”. E, imediatamente, passou para ela o saco de 80 quilos que tinha nas costas. [E#3.4] “Ah, miserável!”, esbravejou rindo a morte, “com que então me chamas e, na hora em que apareço, usas um lamentável truque linguístico, um jogo de palavras pueril pra fingir que querias outra coisa de mim!? E desapareceu como tinha surgido. Ainda mais desesperado com a perspectiva de viver para sempre, o homem largou o fardo ali mesmo. Pegou um táxi para ir para casa e, como não podia deixar de acontecer, o táxi bateu num poste, depois entrou numa padaria, depois caiu no canal do Mangue, depois invadiu uma praia de banhistas, tendo o homem morrido no desastre, embora o chofer tenha escapado e continue desaparecido. [FMF2]*

Na conclusão, sempre há um personagem privilegiado e outro prejudicado ou menosprezado, servindo de inspiração, de ponto de partida para os valores abordados pela própria narrativa e, principalmente, pela Moral.

Último estágio, a *Moral* [E#4.1], é constituída por uma sentença e corresponde ao encerramento da fábula. Podemos defini-la como a interpretação e avaliação do autor sobre a história que ele próprio idealiza e apresenta, concretizada pelos personagens, conforme o exemplo a seguir:

*A fábula mostra que, ante a decisão dos que são maus, nem uma justa defesa tem força. [FE1]*

Esta descrição do PEG para a fábula vai ao encontro daquela descrita por Meurer (2002) quanto à organização retórica do gênero – situação-avaliação. Os três movimentos anteriores, bem como seus estágios, trazem uma situação e desenvolvem-na, enquanto que o último movimento e o último estágio do texto avaliam-na positiva ou negativamente.

As fábulas atribuídas a Esopo e as de Millôr Fernandes, como já salientado anteriormente, compartilham de alguns pontos referentes à CC e divergem em outros, o mesmo ocorrendo quanto à configuração de seu PEG.

No PEG encontrado a partir dos 14 textos, percebe-se que alguns estágios, embora apareçam, eventualmente, no texto de ambos os autores, são recorrentes apenas nos textos de um deles, enquanto outro, ainda, é restrito à fábula de Millôr. Essas diferenças na incidência de determinados estágios constituem, portanto, particularidades e divergências entre os dois fabulistas.

Na época de Esopo, como as fábulas eram orais, as histórias eram mais breves, pois provavelmente o leitor corria o risco de se perder ao ouvi-las e também o próprio autor/falante ao contá-las, haja vista o menor número de ocorrências de estágios optativos em relação às de Millôr. Da mesma forma, a presença de diálogos longos entre os personagens, como se verifica no estágio [E#3.1] *Desafio/conversa entre os personagens*, é bastante escassa na fábula clássica, pois seria mais difícil de reconstituí-los e apresentá-los às pessoas oralmente.

Millôr Fernandes conta com a escrita, que permite, por sua natureza, produções mais longas e ricas linguisticamente. Além disso, Millôr prima muito pela esperteza, como ele próprio destaca em “a sabedoria está valendo 20% da esperteza<sup>4</sup>”, ou seja, a esperteza está acima da inteligência, e a linguagem escrita é o meio que utiliza para pô-la em prática.

Essa primazia também está intimamente ligada ao seu contexto cultural e às representações nele vigentes, entendidas por Moscovici (2009) como conhecimentos compartilhados socialmente. Na sociedade de Millôr, um dos valores ideológicos cultivados encontra-se nas representações sociais evidenciadas pelo dito popular *o mundo é dos espertos* e pela expressão *jeitinho brasileiro*, associada à maneira que esse povo encontra

---

<sup>4</sup> Moral da fábula *O grande sábio e o imenso tolo* de Millôr Fernandes. Disponível em: <http://www2.uol.com.br/millor/fabulas/071.htm>. Acesso em: 08 dez. 2010.

para resolver seus problemas “mais facilmente” ou para encontrar uma solução quando parece não haver.

À luz da Teoria de Gêneros e Registro discutida por Eggins e Martin (1997), as variações linguísticas e estruturais verificadas entre os textos dos dois autores podem ser relacionadas diretamente às variações no campo do registro. Como os contextos de produção das fábulas eram distintos, embora os fatos apresentados fossem semelhantes, faziam referência a situações diferentes, as relações entre os personagens eram diferentes. Em Millôr, são usadas mais marcas de atitude que sugerem uma relação mais próxima entre os participantes. O modo utilizado para a interação também era mais autônomo e próximo à conversa do dia a dia.

### **Considerações finais**

No que tange à Configuração Contextual das fábulas analisadas, há equivalências nas situações apresentadas – que se revelam como eventos cotidianos –, no modo utilizado – o oral –, e no papel constitutivo desempenhado pela linguagem. Entretanto, as discrepâncias aparecem no que se refere à função retórica dos textos de cada autor. Esopo busca o ensinamento de valores, a educação moral de seus ouvintes, em especial o povo, seu principal foco. Millôr Fernandes, em contrapartida, busca a desmoralização e a desconstrução de valores naturalizados em favor da crítica e do protesto acerca daquilo que condena na sociedade, principalmente a atuação dos poderosos.

Verificaram-se, ainda, semelhanças e diferenças no que diz respeito aos personagens. Estes são animais e pessoas referidos nos textos dos dois autores principalmente de maneira genérica e/ou não nomeados, como é o caso dos personagens *um velho* [FE1], *uma pessoa* [FE3], *um homem* [FMF2], por exemplo. Todavia, quanto às relações entre os personagens, nas fábulas de Esopo, a relação entre os personagens é mais impessoal, pois o narrador é quem reporta suas falas, ao passo que, nas de Millôr Fernandes, a relação entre os personagens é mais próxima, dirigem-se diretamente ao outro.

Assim, partindo da CC dos textos, por meio da análise do PEG, foi possível caracterizar a fábula como constituída por quatro Movimentos Retóricos – *Apresentação da situação, Problematização da situação, Resolução da situação e Fechamento* –, realizados por oito estágios, sendo o último deles uma avaliação – a Moral. Esses resultados obtidos neste trabalho relacionam-se com o estudo prévio realizado por Meurer (2002), evidenciando a interligação de conceitos e teorias referentes a gêneros textuais.

A configuração encontrada para o PEG da fábula caracteriza esse gênero por apresentar personagens sempre em situações de conflito. Ao longo da narrativa, essas situações têm seu desenrolar, culminando com a vitória, o favorecimento ou infortúnio de um personagem em relação ao outro.

Dentre os estágios que constituem os quatro Movimentos capitais da fábula, cinco deles são obrigatórios, pois são recorrentes a todos os textos analisados e trazem as informações e acontecimentos indispensáveis para a compreensão da história. Nos três opcionais, por sua vez, concentram-se algumas das particularidades evidenciadas pelas análises contextuais.

Os estágios opcionais são mais frequentes nas fábulas de Millôr, influenciados, provavelmente, pelo meio escolhido para a produção das fábulas, o escrito. A escrita facilita maior extensão de detalhes, ao passo que a oralidade restringe um pouco o uso desses recursos, pois se corre o risco de o ouvinte e mesmo aquele que conta dispersar-se ao longo da narrativa. No estágio [E#3.1], *Desafio e/ou conversa entre os personagens*, fica clara a maior proximidade entre os personagens, já que dialogam entre si, muitas vezes, sem intervenções do narrador. Também nesse estágio, a presença de avaliações e sentimentos, inclusive manifestados de forma irônica ou pejorativa, corrobora essa ideia de uma maior proximidade e liberdade.

O estágio [E#3.3], *Consumação e/ou continuação da conclusão*, exclusivo das fábulas de Millôr Fernandes, é responsável pela diversidade dos desfechos quando comparados os textos dos dois fabulistas. Ao fazê-lo, promove, conseqüentemente, a diversidade dos significados e valores

ativados. No entanto, apesar dessas particularidades evidenciadas no PEG, promovidas pelas variações evidenciadas no registro, podemos dizer que a estrutura básica se mantém, o que torna os textos de Esopo e os de Millôr Fernandes exemplares do gênero fábula.

## Referências

COELHO, N. N. *A Literatura infantil: história, teoria, análise*. 3 ed. São Paulo: Quiron, 1984.

EGGINS, S.; MARTIN, J. R. Genres and registers of discourse. In: VAN DIJK, T. A. (Ed.). *Discourse as structure and process*. Discourse Studies: a Multidisciplinary Introduction. v. 1. London: Stage Publication, 1997. p. 230-256.

FAIRCLOUGH, N. *Language and Power*. 2 ed. Harlow: Pearson Education, 2001.

FERNANDES, M. *Novas fábulas fabulosas*. v. 1; ilustrações de Angeli. Rio de Janeiro: Desiderata, 2007.

FERNANDES, M. O grande sábio e o imenso tolo. In: *Fábulas fabulosas*. 2010. Disponível em: <http://www2.uol.com.br/millor/fabulas/071.htm>. Acesso em: 08 dez. 2010.

GOUVEIA, C. A. M. *Diversidade linguística na escola portuguesa*. Projeto do Instituto de Linguística Teórica e Computacional (ILTEC) com a colaboração da Direção-Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular (DGIDC). Coordenação de MATEUS, M. H. M; PEREIRA, D.; FISCHER, G. Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.

HALLIDAY, M. A. K. Part I. In: HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. (Ed.). *Language, context, and text: aspects of language in a social-semiotic perspective*. Oxford: Oxford University Press, 1989.

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. *An introduction to functional grammar*. 3. ed. London: Arnold, 2004.

HASAN, R. Part II. In: HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. (Ed.). *Language, context, and text: aspects of language in a social-semiotic perspective*. Oxford: Oxford University Press, 1989.

MARTINS, M. *A contribuição dos significados experienciais para a construção dos elementos obrigatórios do gênero narrativa escolar*:

um estudo de caso. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Universidade de Lisboa, Lisboa, 2008.

MEURER, J. L. Genre as diversity, and rhetorical mode as unity in language use. *Ilha do Desterro*, v. 43, p. 61-82, 2002.

MOSCOVICI, S. Representações sociais: investigações em psicologia social. Tradução: P. Guareschi. 6 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

MOTTA-ROTH, D.; HEBERLE, V. M. O conceito de “estrutura potencial do gênero” de Ruqayia Hasan. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Org.). *Gêneros: teorias, métodos e debates*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. p. 12-28.

PLATÃO, F.; FIORIN, J. L. *Lições de texto: leitura e redação*. 5. ed. São Paulo: Ática, 2006.

SMOLKA, N. *Fábulas completas: Esopo*. São Paulo: Moderna, 1995.

SOUSA, M. A. de. *Interpretando algumas fábulas de Esopo*. Rio de Janeiro: Thex Ed, 2003.

THOMPSON, G.; THETELA, P. The sound of one hand clapping: the management of interaction in written discourse. *Text*, v. 15, n. 1, p. 103-127, 1995.

Recebido em 19 de março de 2012  
e aceito em 30 de maio de 2012.

**Title:** *The characterization of fable from its Generic Structure Potential (GSP)*

**Abstract:** *In this study, seven Aesop's fables and seven revisited versions by Millôr Fernandes are analyzed based on a theoretical-analytical perspective of Hasan's (1989) genre analysis. The objective is to characterize fable as a genre in terms of their Generic Structure Potential (GSP). Using Halliday's (1989) definition of Context of Situation, the Contextual Configuration (CC) of the texts by each author is analyzed and then the Movements and stages that constitute the texts are identified. As for the CC, similarities are verified related to the characters, presented situations and methods, differing in terms of rhetorical function. In relation to the GSP, the fables are structured by four rhetorical movements, constituted of five required stages and three optional stages. Among the latter, some fables produced by Millôr Fernandes presented a stage that is absent in Aesop's fables and bring different outcomes when the pairs of both authors are compared.*

**Keywords:** *Contextual Configuration. Generic Structure Potential (GSP). Fable.*